

Voltar a crescer

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e sua equipe apostam numa recuperação das atividades econômicas nos próximos meses, por entenderem que a recessão chegou ao "fundo do poço". De fato, considerada a queda do PIB nos últimos 12 meses, teve-se em março um valor assustador: 6,87%. Ainda que isso possa ser explicado pelo fato de tal avaliação ter incluído o mês de abril de 1990, em que houve total paralisação, decorrência do Plano Brasil Novo, há que reconhecer que a situação é realmente dramática. Na verdade, se compararmos o primeiro trimestre de 1991 com o de 1990, verificaremos uma queda ainda maior: 7,61%. É provável e desejável que a economia volte a crescer, devendo-se acrescentar que isso será possível até no quadro de uma relativa estabilidade dos preços.

Já se pode observar certa recuperação das atividades econômicas, tanto no comércio quanto na indústria. Estamos, porém, ainda longe de uma explosão, crendo mesmo alguns na existência de uma bolha de demanda que se poderia explicar pela necessidade de reconstituir estoques e de aproveitar um congelamento dos preços em progressiva abolição.

No entanto, outros fatores podem contribuir para dar base mais sólida à recuperação econômica nos próximos meses. Não há dúvida de que a queda atual se deve, antes de tudo, aos baixos salários e ao desemprego provocados por um congelamento insustentável no longo prazo. Um reajuste salarial é inevitável e não exercerá os efeitos inflacionistas que se poderiam esperar na medida em que diversas empresas já fizeram adiantamentos, sensíveis à situação desesperadora dos seus empregados. Isso se torna possível no momento em que o governo se mostra mais flexível na aplicação do congelamento, ainda que a ele não renuncie totalmente. Por outro lado, não se pode es-

quecer que em numerosos setores o declínio da produção se deve muito mais à renúncia em produzir com perdas que a uma queda da demanda.

Mas existe outro aspecto, que o ministro Marcílio Marques Moreira salientou com muita felicidade: o crescimento não se mede pelo consumo, mas pelo volume dos investimentos. Ora, estamos às vésperas de uma retomada dos investimentos, decorrente de uma série de fatores. A isenção do ICMS em alguns Estados, a começar por São Paulo, permite reduzir sensivelmente o custo dos bens de capital, conforme prevê a própria indústria de base, que vive crise tão prolongada. Por outro lado, as importações tornam-se também mais baratas. Finalmente, a recuperação do mercado secundário nas bolsas de valores permite maior lançamento de ações no mercado primário, ou seja, uma capitalização das empresas, que têm assim condições de financiar, em condições aceitáveis, alguns investimentos.

Não se deve pensar, porém, que estamos na iminência de uma explosão da demanda, aliás não desejável. Os reajustes dos preços, mesmo no quadro de uma melhoria dos salários, não permitirá um avanço importante do poder aquisitivo. Mas estamos na boa direção, no momento em que a mola do crescimento já não se encontra no consumo, mas nos investimentos.

